



## CONTOS DA CAROCHINHA, DE FIGUEIREDO PIMENTEL: ANÁLISE MORFOLÓGICA DO CONTO CHAPEUZINHO VERMELHO

Cristina Rothier Duarte<sup>1</sup>; Orientadora Profa. Girlene Marques Formiga<sup>2</sup>

<sup>1</sup>IFPB-João Pessoa, Letras, cristinarothier@hotmail.com; <sup>2</sup>IFPB, gformiga@uol.com.br

**Resumo:** O presente trabalho faz parte de um estudo acerca de contos infantis brasileiros do século XIX, notadamente os de Figueiredo Pimentel, um dos primeiros autores nacionais a iniciar a prática de adaptações de contos europeus em nosso país. Utilizando-se da pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo-interpretativo, este escrito se propõe a contribuir com estudos dos primórdios da literatura infantil brasileira do século XIX – objeto de escassa investigação –, por meio do conto *Chapeuzinho Vermelho* adaptado por Figueiredo Pimentel, em *Contos da Carochinha*, sobre o qual tecer-se-á uma proposta de análise sob a fundamentação teórica dos estudos de Vladimir Propp sobre a morfologia dos contos maravilhosos. Esta pesquisa tem por objetivo identificar as sequências de intriga dos personagens e suas funções dentro do conto, levando em conta que uma abordagem adequada desse gênero literário, em sala de aula, requer do professor o conhecimento teórico prévio.

Palavras-chave: Literatura infantil brasileira do século XIX, Figueiredo Pimentel, Contos de fadas, Wladimir Propp.

### Introdução

A Literatura Infantil constitui a porta de entrada para a formação do indivíduo, sendo predominantemente utilizada nas escolas como um meio facilitador do desenvolvimento da aprendizagem ou como instrumento empregado para a alfabetização.

Assim, desde os primeiros anos escolares, os estudantes entram em contato com a literatura como uma ferramenta de ensino à disposição do professor, tendo como finalidade outra que não o estudo da própria literatura. De acordo com Zilberman, a emergência da literatura infanto-juvenil “deveu-se antes de tudo à sua associação com a pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converter em instrumento dela” (ZILBERMAN, 1987, p. 3). O tempo passou, mas, ainda hoje, percebe-se a didatização dessa literatura.

O levantamento dessa problemática não visa a que os professores tragam para seus alunos, logo no início da vida escolar, propostas de estudos literários, mas tem como intuito chamar a atenção para a importância de, a partir dessa fase da vida das crianças, introduzir a literatura como um estudo não destinado somente à alfabetização, à proficiência leitora, à compreensão, à interpretação textual, e, mais tarde, ao estudo da história e da crítica literária, ou seja, tem como pretensão fazer com que se percebam outras perspectivas de ensino da literatura infantil, que caminhem no sentido de fazer com que os professores apresentem para seus alunos, mesmo muito jovens, “a literatura como centro e não periferia do processo educacional” (TODOROV, 2009, p11).



Esse debate também pretende fazer com que reconheçam a importância desses primeiros contatos que a criança tem com a leitura, levando-os a adotar, como prática profissional, o estudo e a análise de obras infantis e de seus autores, de modo que confirmem a essa literatura o mesmo cuidado, no ensino, que é dado a literatura adulta. Para tanto, é necessário que o docente conheça um rol extenso de obras literárias e saiba como analisá-las.

Diante desse contexto, em que emerge a importância da literatura infantil, o presente estudo, examinando uma das primeiras obras nacionais de contos infantis no Brasil, propõe-se a contribuir com estudos dos primórdios da literatura infantil brasileira do século XIX - objeto de escassa investigação -, trazendo como *corpus* o conto *Chapeuzinho Vermelho* adaptado por Figueiredo Pimentel, em *Contos da Carochinha*, sobre o qual tecer-se-á uma proposta de análise sob a fundamentação teórica dos estudos de Vladimir Propp sobre a morfologia dos contos maravilhosos em que “faz a *descrição* do conto segundo as *partes* que o constituem e segundo as *relações* destas partes entre si e destas partes com o conjunto do conto” (GOTLIB, 2006, p. 21).

## Metodologia

Para o desenvolvimento do presente estudo, realizamos uma pesquisa de natureza bibliográfica de cunho qualitativo-interpretativo em livros especializados em Literatura Infantil e Infanto-Juvenil, Teoria da Literatura e em trabalhos acadêmicos que tratam do *corpus* e do aporte teórico investigado. A partir de leitura que vislumbram os conceitos de literatura infantil, bem como do estado da arte que se dedica aos estudos epistemológicos, históricos, sociais, estruturais e estilísticos da literatura infantil, analisamos o conto *O Chapeuzinho Vermelho*, adaptado por Figueiredo Pimentel em *Contos da Carochinha*. Para alcançar os objetivos pretendidos, a obra de Figueiredo Pimentel foi situada na literatura nacional, abordando o nascimento da literatura infantil no Brasil, investigamos as contribuições literárias da obra, e identificamos as sequências de intriga da narrativa e as funções dos personagens dentro do conto. A análise da obra foi pautada na análise morfológica do conto maravilhoso de Vladimir Propp.

## Resultados e discussão

### 1 O contexto de *Contos da Carochinha* na Literatura Infantojuvenil brasileira

No Brasil, a produção literária infantil iniciou-se, juntamente com a produção didática, a partir do final do século XIX, tendo em vista o processo de modernização pelo qual o país passava, o que provocou, no âmbito educacional, a preocupação acerca da formação de cidadãos instruídos e críticos.



Levando em consideração o interesse público na instrução da população, o ponto de partida para esse processo de escolarização seria, naturalmente, a educação infantil. No entanto, no campo literário, até então, predominavam as adaptações de contos europeus de edições portuguesas, fato que dificultava a recepção pelo leitor brasileiro, em razão do distanciamento da língua, que, embora tivesse a mesma origem, culturalmente configurava uma barreira para uma aceitação plena.

Nessa conjuntura, havendo a necessidade de adaptações de obras infantis para a língua brasileira, “no Brasil, em fins do século XIX, já se iniciavam as primeiras recolhidas da tradição oral com as edições de Pedro Quaresma. Assim, no ano de 1894, Alberto Figueiredo Pimentel publicava os *Contos da Carochinha* recolhidos e adaptados da tradição oral” (FORMIGA, 2009, p. 68), fato que lhe conferiu o status de ser um dos primeiros autores nacionais que iniciou a prática de adaptações de contos europeus em nosso país, sob o pseudônimo Figueiredo Pimentel.

Em suas obras destinadas ao público infantil, Figueiredo Pimentel passou a dedicar-se a adaptações de contos de Charles Perrault, dos Irmãos Grimm e de Hans Christian Andersen, mas seu trabalho não se limitou a trazer as obras desses escritores para o mundo literário infantil, ele também contribuiu criando seus próprios escritos.

Suas obras, caracterizadas por uma linguagem espontânea, diferenciavam-se, nesse aspecto, do que circulava para as crianças naquela época, além de trazer temáticas de exaltação à pátria, socializadora e moralista. Em *Contos da Carochinha*, “o leitor pode encontrar histórias de fadas europeias, ao lado de narrativas coletadas entre descendentes dos povoados do Brasil. Há histórias de origem portuguesa e também narrativas contadas pelas escravas que cuidavam das crianças brasileiras no século XIX” (BARBOSA, 2009).

De acordo com Ana Maria Machado (2009), os contos de fadas – histórias populares que são –, constituem uma categoria diferenciada dos clássicos, não sendo prestigiadas pelos críticos e pela academia ou por serem consideradas histórias infantis, ou por serem pouco importantes e sem nobreza literária. Tais acepções são, na visão da pesquisadora, duplo preconceito e inteiro equívoco:

Por um lado, não foram escritas com o objetivo específico de procurarem a garotada como público-alvo. Por outro lado, o alto nível de sua qualidade artística e a sua força cultural são atestados pela sua universalidade e sua permanência. [...] Esses preconceitos se explicam, provavelmente, pelo fato de que esses contos são criações populares. Isso significa que foram feitos por artistas do povo, que ficaram anônimos, [...] (MACHADO, 2009, p. 68-69).

De origem muito antiga, Machado (2009) aponta que, para muitos estudiosos, esses contos



populares estão associados a ritos de sociedades primitivas, como os de passagem da infância para a adolescência, daí guardarem tantas marcas simbólicas que se referem à puberdade e à iniciação sexual, como em *Chapeuzinho Vermelho*, cuja menção à cor vermelha simbolicamente representaria os vestígios da primeira menstruação.

Para Rocha (2010), *Fecunda Ratis*, Egbert de Liège, escrita em latim, no século XI, é o primeiro registro da menina com capuz vermelho e de lobos. “O livro foi escrito a partir de diversas fontes, tais como literatura latina, textos da Bíblia, Patrística, Provérbios e tradições contemporâneas” (ROCHA, 2010, p. 5). Uma das narrativas dessa obra é o poema *De puella a lupellis seruata – Sobre a menina poupada pelos lobos* – que em seu primeiro verso aponta vestígios da tradição oral: “O que tenho para contar contam também os camponeses”.

A versão de Perrault, apenas uma entre as inúmeras existentes, foi publicada na obra intitulada *Contes de ma Mère l’Oye – Contos de Mamãe Ganso* – foi o passo grande passo para tornar o conto um clássico.

Para Carvalho (2009), a versão de Perrault tem o final trágico por se tratar de um conto popular de *misse-em-garde*, ou seja, que tem o propósito de chamar a atenção das crianças a respeito dos perigos. De caráter essencialmente exemplar, o conto na versão de Perrault

[...] tem uma estrutura simples, com dois episódios simétricos, em dois tempos: o lobo e *Chapeuzinho*, o lobo e a Vovó, que se desenvolvem num clima divertido, de jogo recreativo, numa linguagem criativa, com recursos fônicos e repetitivos, que poderíamos classificar de conto-brinquedo, até que chega a conclusão do conto, marcada pelo instante em que o lobo devora a Vovó, e prosseguindo num crescente dramático do diálogo final, que termina com a devoração de *Chapeuzinho Vermelho*. Esse final trágico e realista assinala a diferença que separa a versão clássica do século XVII da versão romântica dos irmãos Grimm, no século XIX, com a interferência dos caçadores, que em boa hora salvaram as vítimas do lobo mal (CARVALHO, 1989, p. 83).

Assim, uma versão romântica de *Chapeuzinho Vermelho* ou *Rotkäppchen* é publicada pelos irmãos Grimm, em *Contos de Fadas para crianças e adultos*, de acordo com Rocha (2010), seguindo exatamente a mesma linha da versão de Perrault, sem nenhuma diferença significativa até o momento em que o lobo engole a menina. A partir dessa parte do conto, as modificações se dão: o lobo dorme, e o caçador é chamado atenção pelo seu ronco, que, para não machucar a avó e a menina, abre a barriga do lobo, salvando-as. Em seguida, enche a sua barriga de pedras, causando sua morte.



Embora a versão dos irmãos Grimm tenha um final menos trágico, já que para Chapeuzinho Vermelho o final é feliz, o sentido exemplar e moralista do conto persiste.

No Brasil, foi Figueiredo Pimentel que fez a primeira adaptação de *Chapeuzinho Vermelho*, em 1894, em sua obra *Contos da Carochinha*, em que reúne 61 contos.

Em Pimentel, o conto recebe o título *O chapeuzinho vermelho*, e a menina é chamada Albertina, cujo apelido é Nana, no entanto, nessa versão, ainda é conhecida na localidade por Chapeuzinho Vermelho, em razão do capuz que usava. Salvo pequenas mudanças como essas, a estrutura geral do conto infantil também permanece a mesma: a menina é convocada pela mãe para levar uma cesta contendo algo para comer e beber à sua avó, que se encontra doente; ela desobedece a mãe, e, assim, encontra o lobo; o lobo devora a vovó e a menina; o caçador é atraído pelo ronco do lobo e salva ambas do mesmo modo que se dá na versão dos irmãos Grimm. Como se vê o propósito moralizante continua o mesmo e o final permanece trágico para o lobo, no entanto feliz para a protagonista da história.

## **2 Análise morfológica do conto *Chapeuzinho Vermelho*, adaptado por Figueiredo Pimentel**

O corpus desta pesquisa, conforme já apresentado, é o conto *Chapeuzinho Vermelho*, traduzido e adaptado por Figueiredo Pimentel, em sua obra, *Contos da Carochinha*, em que o escritor faz uma recolha de contos de tradição oral.

Embora a primeira edição de *Contos da Carochinha* date 1894, o conto sobre o qual nos debruçamos foi retirado da 25ª edição, publicada em 1958, ainda pela Editora Quaresma, editora da 1ª edição da obra, e ilustrada por Julião Machado (FONSECA, 2012).

No tocante à fundamentação teórica, impõe esclarecer que iremos abordar, neste tópico da pesquisa, apenas parte da teoria apresentada na obra de Propp. Deter-nos-emos apenas às passagens teóricas necessárias para o procedimento de análise do conto selecionado como corpus deste estudo.

Gotlib (2006) expõe que Propp, em *Morfologia do conto maravilhoso*, propõe o estudo das formas para determinar as constantes e variantes do conto, comparando suas estruturas e sistemas. As constantes, de acordo com Coelho (2012), são as ações básicas que identificam os contos maravilhosos, e as variáveis são as ações secundárias.

Propp (2006), em seus estudos, que se deram a partir de um material bem diversificado de contos maravilhosos, observou que os enredos desses contos estão estreitamente ligados uns aos outros e, em razão disso, essa questão precisava ser trabalhada antes mesmo de se estudar as origens históricas dos contos, pois, segundo o estudioso russo,



[s]e não soubermos decompor um conto maravilhoso em suas partes constituintes, não poderemos estabelecer nenhuma comparação exata. E se não soubermos comparar – como poderemos projetar uma luz, por exemplo, sobre as relações indo-egípcias, ou sobre as relações da fábula grega com a indiana etc?

Assim, Gotlib (2006) explica que, a partir da análise morfológica do conto, ou seja, a partir da descrição do conto segundo as partes que o constituem e segundo as relações destas partes com o conjunto do conto, permite-se dizer se a narrativa se trata de um conto maravilhoso ou não.

Propp (2006), ao desenvolver sua teoria sobre a análise morfológica do conto maravilhoso, fá-lo a partir de um dos elementos desse gênero narrativo, considerado por ele primordial para a configuração do conto como maravilhoso: a função dos personagens.

As funções dos personagens são as ações que eles desempenham no decorrer da narrativa. Seus estudos revelaram 31 funções, que se agrupam logicamente de acordo com determinadas esferas correspondentes, de forma genérica, aos personagens que as realizam. A esse agrupamento, Propp (2006) denomina esferas da ação, as quais podem ser: do Antagonista, do Doador, do Auxiliar, da Princesa e seu Pai; do Mandante; do Herói e do Falso Herói.

O método de Propp, em *Morfologia do conto maravilhoso*, tem como foco a ação dos personagens, pois “o que realmente importa é saber *o que* fazem os personagens. *Quem* faz algo e *como* isso é feito já são perguntas para um estudo complementar” (PROPP, 2006, p. 21). Essas ações são denominadas em seu método *funções dos personagens*, consideradas as partes fundamentais do conto maravilhoso, definidas de acordo com sua importância dentro da narrativa, e são sempre constantes, ou seja, independentemente de quem as pratica e como, elas estão presentes no conto maravilhoso, essa é a primeira tese do trabalho de Propp.

Propp estabelece que

Para destacar as funções é preciso, primeiro, defini-las. Esta definição deve ser o resultado de dois pontos de vista. Em primeiro lugar, não se deve nunca levar em conta o personagem que executa a ação. Na maioria dos casos, a definição se designará por meio de um substantivo que expressa ação (proibição, interrogatório, fuga etc.). Em segundo lugar, a ação não pode ser definida fora de seu lugar no decorrer do relato. Deve-se tomar em consideração o significado que possui uma dada função no desenrolar da ação (PROPP, 2006, p. 22).

Além dessa, de acordo com o estudo de Propp (2006), as seguintes teses são: o número de funções é limitado, totalizando 31; a sequência das funções é sempre a mesma, mas nem todos os contos maravilhosos apresentam todas as funções; todos os contos de magias são monotípicos



quanto à construção.

Apresentada a base teórica que adotamos para a análise do conto *O Chapeuzinho Vermelho*, adaptado por Figueiredo Pimentel, passamos à análise segundo os estudos morfológicos de Propp.

De acordo com as funções dos personagens estabelecidas por Propp (2006), na situação inicial do conto ( $\alpha$ ), *corpus* desta pesquisa, ou, conforme denomina Propp, *parte preparatória do conto maravilhoso*, há como característica a ausência de conflito: “a situação inicial dá a descrição de um bem-estar particular, por vezes sublinhado propositalmente” (2006, p. 28). No conto em estudo, Figueiredo Pimentel não tece grandes descrições a respeito dessa situação inicial, contudo percebe-se a ausência de qualquer evento conflituoso, podendo, portanto, ser traduzido em bem-estar:

Existia na capital de um país distante, uma meninazinha muito galante, muito bonita. Chamava-se Albertina, mas tôda (sic) a gente a conhecia por Naná. Sua avó estimava-a imensamente. Esta boa avòzinha (sic), não sabendo mais o que inventar para alegrá-la, deu-lhe um chapèuzinho (sic) de veludo vermelho (PIMENTEL, 1958, p. 79).

Ainda na parte preparatória do conto, encontramos a primeira função do conto em análise, o *afastamento* ( $\beta$ ). No caso, como o afastamento é de um membro da geração mais nova – Chapeuzinho é neta, configura uma variação da função cuja designação é  $\beta^3$ .

O afastamento no conto é decorrente da determinação que a mãe de Chapeuzinho Vermelho dá para a filha ir à casa da avó que se encontra doente, para levar uma cesta contendo uma garrafa de vinho e um bolo:

Sua mãe e sua avó moravam a meia légua de distância uma da outra, e entre as duas habitações havia uma floresta. Uma manhã, a mamãe disse para Náná:  
– Tua avòzinha (sic) está doente e não pode vir ver-me. Eu também não posso ir lá. Assim, vai tu levar-lhe um bôlo (sic) e uma garrafa de vinho. [...]  
Vestiu-se com aventalzinho muito limpo, colocou a garrafa numa cestinha, e seguiu contente (PIMENTEL, 1958, p. 79).

A seguir, ainda, na considerada situação inicial, dá-se a função que Propp (2006) chama de *proibição* ( $\gamma$ ). No conto, a proibição é representada pela advertência que a mãe faz à menina para não quebrar a garrafa, e para não se divertir pela floresta: “– [...]. Toma cuidado: não quebres a garrafa, nem te divirtas em correr pela floresta. Segue sossegada pelo caminho, e volta depressa” (PIMENTEL, 1958, p. 79). No caso é designada pelo símbolo  $\gamma^1$ .

Propp (2006), descrevendo as sequências das funções do conto maravilhoso, explica que, posteriormente à proibição, haverá a chegada repentina da



adversidade, responsável por contrastar com a situação inicial de bem-estar, anteriormente mencionada, daí a propositada descrição do contexto de paz no prelúdio do conto maravilhoso.

Em seguida, em *O Chapeuzinho Vermelho*, vem a função *transgressão* ( $\delta$ ), em que a proibição é configurada pela desobediência praticada pela protagonista: “Desobedecendo a mãe entrou num outro caminho para colhêr (sic) flores [...]” (PIMENTEL, 1958, p. 80), designada por  $\delta^1$ . Propp, em sua exposição sobre essa função, estabelece que “[p]enetra agora, no conto maravilhoso, um novo personagem, que pode ser chamado de *antagonista do herói* (*agressor*). Seu papel consiste em destruir a paz da família feliz, em provocar alguma desgraça, em causar dano, prejuízo” (2006, p. 28). No conto em análise, aparece o lobo: “Desobedecendo a mãe entrou num outro caminho para colhêr (sic) flores, quando apareceu o lobo” (PIMENTEL, 1958, p. 80).

Com base na teoria morfológica, em sequência, há a função *interrogatório* ( $\epsilon$ ), em que o antagonista procura obter uma informação, designada por  $\epsilon^1$ : “Onde vai tão cedo? [...] E leva-lhe alguma coisa? [...] Diga-me, minha interessante menina: onde mora a sua avó? Quero ir vê-la também” (PIMENTEL, 1958, p. 80). O lobo, aqui, intenta encontrar a sua presa, e, para tanto, faz questionamentos a Chapeuzinho que inocentemente responde as suas perguntas, inclusive dá a preciosa informação buscada pelo antagonista. Essa passagem configura, então, a função *informação* ( $\zeta$ ), cuja designação nesse conto é  $\zeta^1$ , já que o lobo recebe resposta direta a sua pergunta: “– Mora à beira da floresta, não muito longe daqui. Ao lado da casinha há árvores muito grandes e no jardim laranjeiras” (PIMENTEL, 1958, p. 81).

Dando seguimento à teoria, Propp (2006) elenca como função que dá sequência ao conto maravilhoso, ainda compondo a parte preparatória, a função *ardil* ( $\eta$ ), em que o antagonista tenta ludibriar sua vítima para apodera-se dela ou de seus bens, para ter êxito, contudo, o antagonista assume uma forma alheia. No conto em tela, o lobo permite que Chapeuzinho pense que ele é médico, tendo em vista que sugere a colheita de plantas medicinais, para, logo depois confirmar essa impressão: “– Adeus, meu gentil Chapèuzinho (sic) Vermelho, estimei muito encontrar-me com você. Vou deixá-la, pesaroso, pois tenho que ir depressa ver alguns doentes” (PIMENTEL, 1958, p. 81).

Na função ardil, o lobo age por meio da persuasão, no intuito de chegar à casa da vovozinha antes da menina para poder devorá-la, e depois, assumindo o seu lugar, devorar a menina também. Nesse conto, o ardil é representação pela designação  $\eta^1$ .

A *cumplicidade* ( $\theta$ ), de acordo com Propp (2006) é a função em que a vítima se deixa enganar





pelo antagonista, colaborando involuntariamente com o propósito do seu inimigo. Vejamos como Chapeuzinho ajuda o lobo:

- Sem dúvida alguma o senhor é médico, replicou Albertina, pois conhece as plantas medicinais. Talvez pudesse indicar algumas, que fizessem bem à vovó.
- Perfeitamente, minha filha: aqui tem várias... esta, essas aquelasoutras... Mas tôdas (sic) as plantas que o lôbo (sic) ia indicando eram venenosas. A inocente criança, entretanto, colheu-as para leva-las à sua vovó.
- Adeus, meu gentil Chapèuzinho (sic) Vermelho, estimei muito encontrar-me com você. Vou deixa-la, pesaroso, pois tenho que ir depressa ver alguns doentes. Assim falando, correu rapidamente (sic) para a casa da velha, enquanto Nana se divertia colhendo as plantas que êle (sic) indicara (PIMENTEL, 1958, p. 81).

Como se vê, Chapeuzinho desempenha a função *cumplicidade*, ao deixar-se persuadir ( $\theta^1$ ), perdendo tempo na floresta colhendo as flores, enquanto o lobo parte para o seu propósito: chegar à casa da vovó antes da menina.

Segundo os estudos morfológicos, aqui se encerra a fase preparatória, e dá-se início ao nó da intriga. A primeira função dessa nova fase do conto maravilhoso é a denominada *dano* (A). De acordo com Propp

[e]sta função é extremamente importante, porque é ela na realidade que dá movimento ao conto maravilhoso. O afastamento, a infração ao interdito, a informação, o êxito do embuste preparam esta função, tornam-na possível ou simplesmente a facilitam. Por isso, as sete primeiras funções poder ser consideradas parte preparatória do conto maravilhoso, enquanto o nó da intriga está ligado ao dano (PROPP, 2006, p. 31).

No entanto, antes do efetivo nó da intriga, há nova sequência das funções ardil e cumplicidade, agora com a personagem vovó, tendo em vista que a entrada do lobo na sua casa se dá em razão de ele se passar por Chapeuzinho, fazendo com que a senhora colabore ( $\theta^1$ ) para sua entrada na casa:

Chegando à residência da velha senhora, achou a porta fechada e bateu.

A avó não podendo levantar-se da cama, falou:

- Quem bate?
- É o pequeno Chapeuzinho Vermelho, respondeu o lôbo (sic), mudando de voz, mamãe mandou-lhe um bôlo (sic) e uma garrafa de vinho.
- Entre, minha netinha. A chave está aí embaixo da porta (PIMENTEL, 1958, p. 81-82).



Dando continuidade à análise do conto, a função dano é representada pelo ataque à vovó: “O lobo (sic) encaminhou-se para a cama da doente. Aí, engoliu-a de uma só vez [...]” (PIMENTEL, 1958, p. 82). Tal dano pode ser classificado como infringimento de dano corporal, designado por A<sup>6</sup>.

Em seguida dá-se novo ardil e nova cumplicidade, quando o lobo, para devorar também a menina, disfarça-se de vovó:

O lobo (sic) tinha colocado uma touca na cabeça; apenas se percebia um pouco da sua cara.

Mas, mesmo assim, o que se via era horroroso.

– Ah, avøzinha (sic), disse o pequeno Chapeuzinho Vermelho, para que é que a senhora tem orelhas tão grandes?

– Para melhor te ouvir, minha neta.

– Para que tem braços tão compridos?

– Para melhor te abraçar, minha neta.

– Para que tem uma bôca (sic) tão grande e dentes tão compridos?

– Para te comer...

Dizendo isso, o lobo (sic) avançou para a desgraçada menina, e engoliu-a (PIMENTEL, 1958, p. 82).

Após, ocorre o enfrentamento do caçador com o lobo. Propp chama a função que mais se assemelha a essa ação do herói de *combate* (H). No entanto, não há, de fato, no conto um combate, no sentido luta entre o herói e o antagonista, pois o lobo encontra-se dormindo, e o caçador que, há muito tempo o procurava, e sentindo falta da dona da casa, resolve abrir a sua barriga com uma faca:

– *Olé! Você por aqui! Há quanto tempo o procuro!*

Armou a espingarda, mas lembrou-se:

– *Não vejo a dona da casa, e bem pode ser que êle (sic) a tenha engolido viva.*

Então, com sua faca de caça, abriu habilmente (sic) a barriga do lobo (sic) (PIMENTEL, 1958, p. 83).

Assim, dá-se a função *vitória* (J), em que o antagonista é vencido. Após retirar Chapeuzinho e a vovó da barriga do lobo, o caçador enche seu estômago de pedras. Logo ao acordar, o lobo encaminha-se para o poço para beber água, morrendo afogado. Temos ainda, em *O Chapeuzinho Vermelho*, a função *reparação do dano* (K), com o resgate da menina e da vovó, e a função *castigo, punição* (U) do antagonista:



Então, com sua faca de caça, abriu hàbilmente (sic) a barriga do lobo (sic).

Apareceu Chapèuzinho (sic) Vermelho, que saltou no chão exclamado:

– Ah! Que lugar terrível em que eu estava encerrada!

A avó saiu também, muito satisfeita por tornar a ver o dia. A fera continuava a dormir profundamente. O caçador meteu-lhe duas pedras na barriga, e em seguida coseu a pele, ocultando-se depois com a avó e a neta. Quando o lobo (sic) acordou, devorado por uma sêde (sic) ardente, dirigiu-se para o tanque. Enquanto caminhava ouviu as pedras batendo lá dentro, e ficou pasmado, sem saber o que era. Chegando ao tanque, arrastado pelo pêso (sic) das pedras, afogou-se (PIMENTEL, 1958, p. 83).

Seguindo um exemplo que Propp apresenta em sua obra, podemos isolar todas as funções do conto estudado, obtendo o seguinte esquema:  $\alpha \beta^3 \gamma^1 \delta^1 \varepsilon^1 \zeta^1 \eta^1 \theta^1 \{\eta^1 \theta^1\} \underline{A}^6 \{\eta^1 \theta^1\} \underline{A}^6 \underline{H} \underline{J} \underline{K} \underline{U}$ . Sendo:  $\alpha$  = situação inicial;  $\beta^3$  = afastamento;  $\gamma^1$  = proibição;  $\delta^1$  = transgressão;  $\varepsilon^1$  = interrogatório;  $\zeta^1$  = informação;  $\eta^1$  = ardil;  $\theta^1$  = cumplicidade;  $\{\eta^1 \theta^1\}$  = nova sequência de ardil do antagonista e cumplicidade da vítima;  $\underline{A}^6$  = dano;  $\{\eta \theta\}$  = nova sequência de ardil do antagonista e cumplicidade da vítima;  $\underline{H}$  = combate;  $\underline{J}$  = vitória;  $\underline{K}$  = reparação;  $\underline{U}$  = castigo.

O conto estudado, como totalidade, apresenta uma sequência em que uma função segue imediatamente outra, havendo, contudo, três ocorrências das funções *ardil* e *cumplicidade*, o que não prejudica a caracterização da narrativa como conto maravilhoso. A ausência de muitas das funções também não a descaracteriza, tendo em vista que, para sua caracterização, o conto maravilhoso deve apresentar a sequência imutável, conforme mencionamos anteriormente na terceira tese de Propp ao descrevermos a sua teoria.

## Conclusão

Embora publicada na segunda metade do século passado, *Morfologia do conto maravilhoso*, obra estruturalista e formalista de Vladimir Propp, foi considerada de relevo para análise de um tipo específico de conto, o maravilhoso, devido ao rigor metodológico com que o teórico aborda os estudos sobre os contos de tradição oral.

*Contos da Carochinha*, por sua vez, apesar de apresentar contos escritos adaptados para as crianças, origina-se a partir de tradução e adaptação de contos orais, daí a pertinência de sua análise ter como fundamentação teórica a investigação de Propp. Como podemos perceber, ao tomar como base teórica o estudo morfológico, foi possível comprovar, mediante a análise das partes fundamentais – funções dos personagens – do conto *O Chapeuzinho Vermelho*, a sua classificação



como conto maravilhoso.

A utilidade dessa comprovação, em termos epistemológicos, consiste no conhecimento da estrutura do conto maravilhoso, podendo, a partir de então, o pesquisador, conhecendo como ele é composto, iniciar a investigação da sua origem. Em termos pragmáticos, conhecer a estrutura do conto permite ao docente trabalhar esse gênero de forma consciente, bem como utilizar como fundamento teórico para propostas de produção textual em sala de aula.

## Referências

- BARBOSA, Ângela Márcia Damasceno Teixeira. Antigos contos, novas histórias na literatura infantil brasileira. **Revista Travessias**. Vol. 3, nº 3. Paraná, 2009. Disponível em: <[http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed\\_007/LINGUAGEM/Antigos%20Contos.pdf](http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_007/LINGUAGEM/Antigos%20Contos.pdf)>[http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed\\_007/LINGUAGEM/Antigos%20Contos.pdf](http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_007/LINGUAGEM/Antigos%20Contos.pdf)>. Acesso em: 24 ago 2015.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil – visão histórica e crítica**. São Paulo: Global, 1989, 6ª ed.
- COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2012.
- FONSECA, Leticia Pedruzzi. **As revistas ilustradas A Cigarra e A Bruxa: a nova linguagem gráfica e a atuação de Julião Machado**. 2012. Tese de Doutorado. PUC-Rio.
- FORMIGA, Girlene Marques. **Adaptação de clássicos literários: uma história de leitura no Brasil**. Tese (Doutorado em Letras). João Pessoa: UFPB, 2009.
- GOTLIB, Nádia Batella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 2006, 11ª ed.
- MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- ROCHA, Waldyr Imbroisi. As várias histórias de Chapeuzinho Vermelho: repressão e moral nos contos de fadas. **Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, v. 3, n. 4, 2010. Disponível em: <[http://www.usp.br/anagrama/Rocha\\_Varias.pdf](http://www.usp.br/anagrama/Rocha_Varias.pdf)>. Acesso em 16 jul 2016.
- PIMENTEL, Figueiredo. **Contos da Carochinha**. São Paulo: Editora Quaresma, 1958, 25ªed.
- PROPP, Vladimir Iakovlevitch. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2006, 2ª ed.
- ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia Cademartori. **Leitura Infantil: Autoritarismo e Emancipação**. São Paulo: Editora Ática, 1987.